

QUEM SABE TALVEZ UM DIA

de

Clementina de Sousa

Apresentação

Antes de me pronunciar sobre o lançamento do presente livro de Clementina de Sousa, é meu dever apresentar os meus cordiais cumprimentos a tão distinta e solidária plateia.

Respeitada a indispensável formalidade de cortesia, cumpre-me agradecer, à Clementina, o facto de me ter convidado para estar presente nesta mesa, incumbência de enorme e temerosa responsabilidade. Se o seu convite pode ser entendido como revelador da sua confiança, não tenho dúvida de que, entre as pessoas com quem convive em termos de criação literária, que a estimam e cujo merecimento lhe reconhecem, encontraria alguém porventura mais bem habilitado, de modo a corresponder em plenitude ao mérito da obra que agora dá à estampa. *Quem Sabe, Talvez Um Dia* também acabe por chegar a esta mesma conclusão.

Na tarde de um sábado de maio, em que ambos marcámos presença no Auditório da Junta de Freguesia de Rio Tinto para assistir ao lançamento de uma antologia, *Anjos da Prosa e da Poesia III*, publicada pela Lugar da Palavra, confidenciou-me a Clementina que gostaria que lesse um seu conto que estava em fase de conclusão. Não tinha como não responder afirmativamente. Por duas razões fundamentais: a primeira, porque se trata de um procedimento muito frequente entre pessoas que partilham o gosto e a apetência pela escrita literária, uma vez que possibilita a deteção de gralhas de que o autor, por norma, não dá conta, fenómeno que a Psicologia explica devida e convenientemente: estando um autor num processo de “reconhecimento”, uma

vez que o texto é seu, o seu cérebro acabará sempre por ler não o que está efetivamente escrito, mas aquilo que considera que deverá estar; a segunda, e não menos importante, porque a Clementina é, ainda hoje, sobejamente credora, considerando a leitura atenta e assaz pertinente com que sempre foi correspondendo a cada solicitação minha.

O tempo foi passando e, quando, finalmente, me enviou, por e-mail, o seu trabalho, no Assunto, pude ler: *O meu conto*.

O anexo era um *Documento do Microsoft Word*. E pensei: cinco, seis páginas? Quem sabe, talvez umas dez...

Abri o anexo e deparei-me com sessenta e duas páginas A4.

Conto?!... Sendo uma narrativa breve, real ou fictícia, em que a ação, capaz de despertar uma emoção imediata, de um modo geral se focaliza num único tema ou peripécia e num tempo consideravelmente circunscrito, possibilitando uma rápida catarse, o que tinha ali diante de mim não era um conto. Sessenta e duas páginas?!... Quem sabe? Talvez uma novela...

E passei à leitura.

Sim, Clementina, é uma novela, uma narrativa de tamanho intermédio em relação ao conto, bastante mais breve, e ao romance, consideravelmente mais extenso. E, pela estrutura que utilizou na narrativa que agora nos oferece, só compreendo que lhe tenha chamado “conto” por manifesto sentimento de humildade.

Assim que li as primeiras letras, senti logo a tal emoção, capaz de criar e alimentar uma legítima expectativa. Vejamos:

“Óscar era um tiro a descer o morro que dava para o rio. [...] No morro superior da margem, os salgueiros inclinavam ameaçadoras hastes e, tal como a intriga que o enredara, as suas vergastas húmidas e corredias não o largavam.

A maré subia. Passo a passo, as botas enterravam-se mais no lodo.

- *O barco? Onde está o barco?*"

"Óscar era um tiro a descer o morro que dava para o rio." Esta imagem, de um visualismo cinematográfico, muito claro e efetivo, é a expressão de uma imperativa resposta da personagem a um determinado estímulo por enquanto obscuro.

Que estímulo estaria na origem daquela descida de Óscar, precipitada e como um tiro, em direção ao rio?

Responder-me-ão: o barco! Mas onde está o barco? E porquê o barco?

Estava criado o indispensável *suspense*.

Como se não bastasse, neste mesmo primeiro parágrafo da obra, temos a presença de elementos que, não sendo adjuvantes, antes pelo contrário, se comportam como a "intriga que enredara" a vida da personagem.

E então perguntamo-nos: que personagem é esta?, que vida foi esta, a sua?, que intriga a enredara de tal modo, ao ponto de permitir a comparação com elementos de conotação negativa - *"ameaçadoras hastes"*, *"vergastas húmidas e corredias não o largavam"*, *"a maré subia"*, *"passo a passo, as botas enterravam-se mais no lodo"* - potencialmente oponentes? Não o sabemos, mas que estava criado o indispensável *suspense*, estava.

"Artur é que estava certo. Há séculos que não se viam e ter a lata de ir lá a casa, todo ´cobertorzinho de papa`, só poderia ser mais uma das suas manobras na tentativa de abafar embustes do passado. Por isso, quando, na véspera, Óscar lhe bateu à porta, Artur não a abriu."

Manipulando a trama narrativa com mestria, a autora serve-se de um narrador onisciente que, para corresponder e dar resposta à curiosidade do leitor, inicia uma analepse, isto é, remete a narração da ação para um tempo passado, introduzindo, logo no seu início, uma nova personagem: Artur. E, se não fosse o facto de ter utilizado a identificação da personagem inicial no último período, poderíamos afirmar que esta mesma analepse era fruto de uma

focalização interna, isto é, o resultado a que chegara a tomada de consciência de Óscar, como poderemos conferir no final da obra. Teríamos um narrador onisciente a dar-nos conta do que era o pensamento de Óscar que, por sua vez, nos daria conta do legítimo pensamento de Artur.

Quem é este Artur? Por que razão não abriu Artur a porta a Óscar? Que tipo de relação existirá entre estas duas personagens?

Uma vez mais, porque já o fiz no passado, lembro que o desígnio duma apresentação não é revelar o conteúdo duma obra. Se o fizesse, ninguém teria necessidade de a ler, porque estaria desnudada e o cendal, que seria suposto existir a cingi-la, não havia cumprido o seu dever, que é o de estimular a imaginação através do que sugere com os condimentos da sua presumida transparência.

Vejamos, pois, o modo hábil como a trama narrativa é urdida pela autora:

Uma vez apresentada a peripécia capaz de nos criar a tal emoção, a tal expectativa e o indispensável *suspense*, com uma singela pincelada, num único parágrafo encaixado, apresenta-nos um fragmento em analepse que, no essencial, se destina a facultar-nos, ao jeito impressionista, parte da caracterização de determinada personagem, retomando, logo de seguida, a ação inicial com a respetiva contextualização temporal:

“Decorria o mês de março de 2020. A água lamacenta do rio catapultava tudo o que conseguia arrancar das margens. Mesmo assim, Óscar não desistia.”

Depois, servindo-se do verbo “lembrar” a propósito de uma das personagens (*“E **lembrou-se** dos seus amigos do viaduto, do outro lado do rio [...]”*), parte para um outro momento temporal, igualmente encaixado:

“Amiúde, Artur lá ia visitá-los. Eram homens e mulheres de todas as idades, roupas gastas, algumas de marca. [...] Foi lá que conheceu Rogério. Rogério andaria aí pelos finais dos seus oitenta.”

E bastou o facto de Artur ter conhecido esta nova personagem para introduzir um episódio de que a mesma é protagonista, de que sobressai o tempo em que, aluno do Liceu de Alexandre Herculano – que eu mesmo frequentei e em cujos espaços e peripécias me reconheci –, conheceu o escritor Mário Cláudio.

Mas do mesmo processo se serviu mais à frente, desta vez para evocar o tempo em que Artur se preparava para a comunhão solene:

*“**Lembras-te** dos romelos de farrapos da senhora Sales? [...]*

*Claro que Artur se **lembrava** da senhora Sales. Não havia como esquecer o cheiro da terra batida no escuro nicho aonde ia aos sábados repetir as orações que teria de saber de cor na hora da comunhão solene.*

***Nesse tempo**, o mundo de Artur quase se resumia ao caminho que o levava de Miragaia a Gondomar...”*

Em ambos os casos apontados se evidencia como a vida de qualquer pessoa também só ganha sentido enquanto perdurar a sua memória.

Tal como o avô João, que era um ourives *exímio, experiente, criativo*, ao ponto de *tudo quanto lhe nascia das mãos ser obra-prima de ourivesaria*, também a Clementina – servindo-se de recursos estilísticos como a adjetivação (simples, dupla, tripla ou múltipla), a anadiplose, a anáfora, a antítese, a comparação, a enumeração, a gradação crescente, a hipérbole, a imagem, a interrogação retórica, a metáfora, a metonímia, o oximoro, o paradoxo, a personificação, a reiteração, a sinestesia – nos oferece uma peça de delicada filigrana literária.

Vejamos, pois, alguns exemplos:

*“Meio **destrambelhado**, num desnorte total por causa da febre, **ourado**, **confuso**, **atordoado**, ainda assim Artur acabou por se dirigir à entrada.”*

Com a múltipla adjetivação, temos plena consciência do estado de saúde em que Artur se encontrava, o que é corroborado pela comparação com que nos deparamos:

*“logo uma vertigem o fez rodar sobre si mesmo. Valeu-lhe a parede. Agarrou-se a ela **como hera que se agarra ao muro**.”*

*“vou ao hospital fazer o quê? contagiar mais desgraçados? ser mais um no meio de milhares de **mortos-vivos?**”*

*“O pior de tudo era saber que o vírus continuava **à solta**, que não havia no mundo inteiro ninguém capaz de o **prender**. E o **algemado** era **ele**. **Ele**, [...] Artur Salgueiro.”*

Repare-se como a sequência das perguntas de retórica e a utilização de um paradoxo, de duas metáforas e de uma antítese contribuem para um mais completo conhecimento do real estado de saúde da personagem, bem como da avaliação que a mesma faz em relação à atitude a tomar face ao seu estado.

E que imagem sugestiva e deliciosa nos propicia com a comparação utilizada para caracterizar o modo como os sem-abrigo se protegiam do inverno:

*“Por quantos corpos teriam passado aquelas caxemiras agora por um fio, **a protegê-los do inverno menos ainda do que a retalhada muralha dita fernandina protege a cidade do Porto?**”*

Solidário com os sem-abrigo, nada melhor do que uma reiteração e múltipla adjetivação para o concretizar:

*“Artur considerava **intoleráveis** as condições em que as pessoas ali viviam. Mais do que **intoleráveis**, eram **discriminatórias, aviltantes, desonrosas.**”*

Agora aquilo de que somos amantes na natureza e a importância dos nossos cinco sentidos para o afirmar. Nada como uma enumeração e uma sinestesia para evidenciar o amor de Rogério pelas árvores da Cordoaria:

*“Reconheço-as pelo **toque**, pela **rugosidade** ou a **maciez** dos troncos. Distingo-as pelo **cheiro** - a canforeira e o liquidâmbar, a araucária e a sequoia, a tília e o plátano, o jacarandá, o carvalho, o sobreiro, a faia e muitas mais.”*

Veja-se ainda a expressividade do estado psicológico de Rogério, quando, na sala de aula do Alexandre Herculano, o professor folheia a caderneta para selecionar o aluno que será sujeito à chamada oral:

*“E à minha cabeça só vinham **os gestos comedidos do professor** a abrir **devagar** a caderneta como se aquilo fosse a **Bíblia. Parecia um ritual de missa.**”*

E como esta magnífica e cerimoniosa imagem ativou a minha memória e me fez reviver situação idêntica e receio não menos aterrador!...

E porque a trama narrativa se constrói sobretudo com memórias, atentemos na comparação e na antítese que nos mostram, de forma brilhante, a dimensão psicológica de algumas delas:

*“Aquele nome [...] trouxe ao de cima **memórias que julgava perdidas**. E se algumas delas chegaram **doces, quase tão doces como os figos pingo-***

de-mel que saboreava alcandorado na mais alta figueira da quinta, outras vieram **amargas, ácidas como as ervas que trincava para não morrer de sede** nos verdes e **adolescentes** prados das suas longuíssimas primaveras.”

Que fascínio o desta personificação que resulta da transferência da adolescência da personagem para os “prados das suas longuíssimas primaveras”!

Não pretendendo alongar-me para não me tornar fastidioso, aponto apenas mais dois exemplos:

O primeiro, porque, mesmo tratando-se de um texto literário, não encontraria melhor escolha do que a linguagem popular selecionada pela Clementina para, no contexto, melhor exprimir a circunstância:

“Comeu-o de cebolada.” – Que delícia!

O segundo, porque – utilizando uma imagem atrás referida – a Clementina agora, utilizando, em simultâneo, a metáfora, a metonímia e a sinestesia, nos oferece uma deliciosa pintura impressionista:

*“A terra, ao redor da casa, mais parecia uma miragem. **Toucadas de vermelho**, aqui e ali, as casinhas bem podiam convocar o pincel de um pintor.”*

Para finalizar, não poderia deixar de referir e eleger a eloquência da avó Clarice que nos deixa uma das mais belas imagens e lições que devemos reter e que, por si só, justificaria o presente livro:

“Cada livro, uma montanha” [...] “e quanto mais dura for a subida da montanha, mais gozo terás na sua escalada. E quantas mais montanhas escalares, mais montanhas quererás vencer, porque, em cada cume terás todo

um mundo novo ao teu alcance, que é o mesmo que dizer ao alcance da tua imaginação”.

Face ao exposto, reitero a minha convicção de que estamos diante de um livro que, pela singularidade narrativa do *suspense* e do consequente fascínio subjacente, tem a feliz circunstância de nos seduzir a cada momento.

E como, com muito a propósito, é afirmado, numa das badanas, por Maria Clara Miguel, “*Quem sabe talvez um dia é, sem dúvida, uma montanha a escalar!*”

Sem a mínima parcimónia, está, pois, de parabéns a poetisa e novelista Clementina de Sousa, facto que não me surpreende, se tiver em conta o que vou conhecendo da sua obra. É inegável, pelo menos de acordo com a minha sensibilidade, que a Poesia lhe corre nas veias, mesmo quando a sua escrita se nos oferece em forma de prosa.

Uma palavra de congratulação à editora Lugar da Palavra, na pessoa do seu responsável, João Carlos Brito, que passa a ter, com a sua chancela, mais um livro de elevada qualidade literária.

Profundamente grato pela vossa muito generosa atenção.

Biblioteca Municipal de Gondomar, 2 de março de 2024